

Campanha presidencial chega às ruas

Candidatos ao Planalto resolvem não esperar o resultado do plebiscito e aceleram projetos para conquistar aliados e o eleitorado

ANA MARIA TAHAN

A corrida presidencial já começou. Chegou às ruas na sexta-feira, durante o leilão da CSN,



quando o governador do Rio, Leonel Brizola, manobrou bem o tempo que uma liminar concedida pela Justiça lhe deu para aparecer. Ele capitalizou o fato político naquele dia e pretende recolher os dividendos durante a disputa oficial pela sucessão de Itamar Franco. Agora, ninguém espera mais pelo plebiscito do dia 21. Os interessados no gabinete do 3º andar do Palácio do Planalto se articulam, partidos se movimentam, empresários ficam de orelha em pé, sindicalistas se posicionam para o jogo de xadrez antecipado pela manobra de Brizola.

O petista Luiz Inácio Lula da Silva, apontado hoje como o preferido do eleitorado para o posto perdido em 1989 no embate com Fernando Collor, deslança sua caravana partidária de Pernambuco para São Paulo no final do mês. Enquanto isso, no meio tempo, come e bebe aqui e ali com empresários, mexe as peças do confuso movimento sindical, participa de longos debates promovidos por entidades civis e monta, sem alarido, um programa de governo para levar aos partidos com os quais

sonha em ver seu PT coligado ainda no primeiro turno de 1994. "Não dá para governar sem credibilidade", ensaia o discurso de campanha.

Sedução — O prefeito Paulo Maluf, dono da vice-liderança nas pesquisas de opinião pública, com ar de quem quer tudo, menos se enrolar numa administração municipal, mesmo que seja a da maior cidade da América Latina, ensaia o tango da atração aos partidos considerados mais conservadores. Sela a união com o PDC, lança piscadelas em direção ao PTB, atrai admiradores do PFL, laça integrantes do PL e, até agora, já conseguiu colocar seu PDS como o terceiro maior partido do Congresso, com 60 parlamentares. "Até o final do ano teremos mais de 100 representantes no Parlamento", contabiliza. "E vamos ter um candidato para vencer a eleição em 94."

Pontaria firme, Leonel Brizola, não apenas deu o tiro para o início da corrida, como, antes disso, acertou o alvo ao tomar conta dos primeiros dias de campanha do sistema presidencialista de governo no horário eleitoral. Falou o que quis, apareceu quanto pôde, afinou a oratória e escolheu a cabeça sobre a qual vai regular a mira nesta primeira fase do torneio presidencial: a de Lula. É claro, isso sem esquecer do mineiro presidente Itamar Franco que, com sua



José Varella/AE—1/4/93

Fugaz

Itamar Franco, na quinta-feira, entre estudantes de Alcântara (MA): governo atropelado pela campanha

decisão de levar avante o leilão da CSN, forneceu ao governador do Rio armamento para bom tempo de discursos em tons oposicionistas. "Acho que as coisas vão bem para o meu lado, daria até para vencer", tem comentado por aí para avisar que, apesar dos seus 71 anos de idade, está no páreo.

O presidente nacional do

PSDB, Tasso Jereissati, a reboque da iniciativa de Lula para encampá-lo como candidato a vice numa eventual coligação de tucanos e petistas, tenta sair dessa com diplomacia. Fala em separação de corpos depois da opção do PT pelo presidencialismo, gostaria muito de vestir a camiseta de cabeça de chapa do partido na campanha pela sucessão de

Itamar, mas primeiro vai ter de enfrentar seus pares no Ceará. Os tucanos do Estado estão num impasse: só Tasso teria condições de competir em igualdade, pelo governo cearense, com o ex-prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, com tudo trançado para ocupar o ninho de Ciro Gomes.

Limite regional — O baianíssimo Antônio Carlos Magalhães, opção do PFL, ainda está cercado pelo regionalismo de sua liderança, apesar da força do partido no Congresso e das suas experiências na administração federal. Precisa primeiro mostrar competência para romper as fronteiras da Bahia e transformar-se num político com dimensão mais nacional para conseguir votos em Estados como São Paulo e Minas Gerais, dois dos maiores eleitorados do País. A faixa presidencial o atrai mais do que uma cadeira no Congresso: "Tenho um perfil mais adaptado ao Executivo."

O confuso PMDB ainda não sabe como vai ficar depois da convenção de 30 de maio. Só que parte do partido, hoje em ascendência, trabalha com três opções: os nomes do governador Luiz Antonio Fleury Filho, do ministro da Previdência, Antônio Britto, e do deputado Ibsen Pinheiro (RS). Poucos apostam nas chances do atual presidente, Orestes Quêrcia, que mal e mal insiste e se desgasta para conseguir a reeleição no cargo. "Ora, se

ele não consegue nem convencer o partido, como bancá-lo como candidato?", pergunta um dos articuladores da campanha anti-quercista no PMDB.

Saudades — Ao panorama, acrescenta-se a disposição do ex-presidente José Sarney, hoje senador pelo PMDB do Amapá, de voltar a ocupar o cargo no qual ficou durante cinco anos e que terminou seu mandato com uma inflação de 84% ao mês. Primeiro na surdina, agora sem disfarces, Sarney articula sua candidatura com partidos dispostos a abrigar sua ambição presidencial. O disponível no momento é o PTB, oferecido de bandeja pelo deputado Roberto Cardoso Alves (SP), um ex-ministro do ex-presidente. Só que enfrenta a oposição de alguns trabalhistas, dispostos a investir no nome do atual ministro da Indústria e Comércio, o paranaense José Eduardo Andrade Vieira.

Com o tabuleiro armado, ainda aberto a eventuais paraquedistas, a partida de xadrez presidencial está nos primeiros lances. Sem dúvida, como provou uma reunião de líderes partidários no Congresso, semana passada — quando a sucessão de Itamar tomou quase todo o tempo, num encontro marcado para discutir o plebiscito — é o assunto do momento. Itamar e seu governo vão ter de se virar para não serem esquecidos antes da hora.